



ORIENTE MÉDIO EM CONVULSÃO

Movimento xiita do Iêmen apoiado pelo Irã anuncia que atuará até o fim do conflito, aumentando a instabilidade regional e ameaçando o comércio global em nova frente, o Estreito de Bab al-Mandeb, que liga o Mar Vermelho ao Oceano Índico

Houthis entram na guerra e atacam Israel



» PALOMA OLIVETO

AFP

A guerra no Oriente Médio ganhou um novo capítulo, com a entrada formal dos houthis do Iêmen no conflito que opõe Israel e Estados Unidos contra o Irã. O movimento xiita, alinhado a Teerã, anunciou ter realizado os dois primeiros ataques diretos contra território israelense desde o início do conflito, há um mês. A ação abre mais uma frente armada na região e pode perturbar a navegação pelo Mar Vermelho, alternativa para algumas monarquias petrolíferas do Golfo ao Estreito de Ormuz, bloqueado pelas forças iranianas.

Segundo autoridades israelenses, um míssil lançado a partir do território iemenita foi interceptado pelas defesas aéreas do país. Pouco depois, os houthis confirmaram, no X, a autoria da ofensiva. Também afirmaram que novas ações devem ocorrer enquanto persistirem ataques contra o que chamam de “eixo de resistência”, que inclui, além do Irã, grupos aliados no Líbano, Iraque e territórios palestinos. Mais tarde, na mesma rede social, reivindicaram o disparo de outros mísseis de cruzeiro e drones em direção a alvos israelenses.

As ações marcam as primeiras participações diretas do grupo na guerra, iniciada em 28 de fevereiro, com a intensificação de confrontos entre Israel e Irã e o envolvimento crescente dos Estados Unidos. Até então, os houthis vinham adotando uma postura ambígua, alternando declarações de apoio a Teerã com cautela estratégica, em parte para não ampliar o conflito interno no Iêmen, em curso desde 2014, mas interrompido por um cessar-fogo há quatro anos.

Fundado no início dos anos 2000 e oriundo da minoria zaidita do islamismo xiita, o movimento houthi consolidou-se como uma das principais forças político-militares do Iêmen após tomar a capital, Sanaa, em 2014. Desde então, evoluiu de um grupo insurgente local para um ator regional relevante, com capacidade de lançar mísseis e drones a longas distâncias — inclusive contra alvos internacionais.



Em Sanaa, houthis erguem armas durante manifestação em apoio a Irã e Líbano

Apreensão

A entrada dos houthis no conflito amplia o risco de regionalização da guerra. “A decisão dos houthis de se juntarem ao conflito mais amplo no Oriente Médio representa uma escada da grave e profundamente preocupante”, avaliou Parea al-Muslimi, pesquisador do instituto Chatam House, no Reino Unido, especializado no Iêmen e na região do Golfo. “Seu envolvimento corre o risco de ampliar uma guerra já instável, com implicações significativas para a estabilidade regional, o comércio global e a situação humanitária — particularmente no Iêmen”, acredita.

O impacto potencial vai além do campo militar. “Interromper a navegação comercial é muito mais fácil para os houthis do que atacar Israel, dada a sua localização estratégica ao longo do estreito de Bab el-Mandeb”, avaliou no site do think tank Atlantic Council Allison Minor, diretora do projeto de integração do Oriente Médio da organização. Ela lembrou

que, durante a guerra em Gaza, os houthis afundaram vários navios comerciais, utilizando uma combinação de drones, mísseis e embarcações tripuladas e não tripuladas. Essas ações provocaram respostas militares dos Estados Unidos e aliados. Pelo Estreito de Bab al-Mandeb, corredor estratégico que liga o Mar Vermelho ao Oceano Índico, passa cerca de 10% do comércio global de petróleo. Os houthis já ameaçaram bloquear a região, repetindo táticas utilizadas anteriormente, o que poderia agravar uma crise energética já intensificada pelo fechamento parcial do Estreito de Ormuz por forças iranianas.

“O impacto potencial nas principais rotas marítimas comerciais, especialmente no Mar Vermelho e no Estreito de Bab el-Mandeb, não pode ser subestimado. Essas vias navegáveis são cruciais para o transporte marítimo global e o abastecimento de energia. Qualquer interrupção prolongada aumentará os custos de transporte marítimo, elevará os preços do petróleo e

exercerá pressão adicional sobre uma economia global frágil, já abalada pela situação no Estreito de Ormuz”, escreveu Al-Muslimi.

Jornalistas

A atual ofensiva ocorre em um contexto de escalada generalizada. O conflito já havia se expandido para além de Israel e Irã, atingindo também o Líbano, onde confrontos com o Hezbollah deixaram centenas de mortos. Ontem, o presidente libanês, Joseph Aoun, denunciou como um crime a morte de três jornalistas em um ataque israelense. Outros países do Golfo, como Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Omã, também registraram ataques com drones e mísseis em um mês de guerra.

Ontem, o Exército iraniano reivindicou um ataque contra um navio logístico norte-americano nas imediações do porto Salalah, em Omã, no Mar da Arábia, onde um homem ficou

ferido. Também foram relatadas ofensivas contra os aeroportos do Kuwait e de Erbil, no Curdistão iraquiano, além de lançamentos de mísseis e drones em uma zona industrial dos Emirados Árabes.

Apesar da ausência de sinais de trégua, o governo dos EUA insiste que o fim do conflito está próximo, e o presidente Donald Trump afirma que as forças norte-americanas desmantelaram o aparato militar iraniano. O enviado especial de Trump, Steve Witkoff, disse acreditar que o Irã “aceitará sentar para negociar com Washington nesta semana” e discutir o plano de paz de 15 pontos.

O Paquistão, que atua como intermediário entre as partes, receberá hoje e amanhã, em Islamabad, os ministros das Relações Exteriores da Arábia Saudita, da Turquia e do Egito para abordar a crise. Antes do encontro, o primeiro-ministro paquistanês, Shehbaz Sharif, conversou com o presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, que elogiou “seus esforços de

Palavra de especialista



Manobra calculada

“Agora que os houthis entraram no conflito, todas as atenções se voltarão para o Mar Vermelho e para a possibilidade do fechamento de um segundo importante ponto de estrangulamento marítimo. No entanto, a decisão de atacar Israel pode ser uma manobra calculada por parte dos houthis, destinada a sinalizar que ainda representam uma ameaça, aumentando a influência do Irã em quaisquer negociações. O grupo, provavelmente, avalia que ataques limitados a Israel dificilmente provocarão uma resposta contundente.”

Bridget Toomey, analista de pesquisa da Fundação pela Defesa das Democracias, em Washington

mediação para deter a agressão contra a República Islâmica.”

Siderúrgica

Enquanto intermediários tentam encontrar uma saída diplomática para o conflito, Israel prossegue com os ataques contra instalações sensíveis para Teerã. Depois de bombardear centrais nucleares e uma usina siderúrgica na sexta-feira, forçando a interrupção da produção em uma das principais indústrias de aço do país, as forças israelenses anunciaram novos bombardeios contra a capital iraniana.

A Guarda Revolucionária do Irã advertiu que responderá a qualquer dano econômico com ataques contra instalações industriais em toda a região. O exército ideológico da República Islâmica já havia expressado ameaças semelhantes contra bases militares americanas e hotéis que abrigam soldados dos Estados Unidos.

Protestos anti-Trump dentro e fora dos EUA

Pela terceira vez em menos de um ano, multidões ocuparam, ontem, as ruas de dezenas de cidades dos Estados Unidos em protesto contra o presidente Donald Trump, como parte do movimento No Kings (Sem Reis). Os manifestantes denunciaram o que consideram uma guinada autoritária e contrária à lei no segundo mandato do republicano, iniciado em janeiro do ano passado. Mobilizações também ocorreram em países da Europa

As marchas de ontem, a oito meses das eleições legislativas de meio de mandato, tiveram um novo motivo de indignação: a guerra no Irã que Trump lançou junto com Israel, com objetivos e prazos de conclusão em constante mudança.

Segundo os organizadores, mais de 3 mil manifestações estavam programadas nos principais estados dos Estados Unidos, assim como em áreas suburbanas e rurais, e até mesmo na localidade de Kotzebue, no Alasca, acima do círculo polar ártico. De acordo com eles, dois terços dos participantes preferiram para as manifestações não vivem

nas grandes cidades, que costumam ser redutos democratas.

Minnesota

O estado de Minnesota foi um ponto central de mobilização, meses depois de virar o epicentro do debate nacional sobre a repressão violenta aos imigrantes impulsionada por Trump. Os protestos também ocorreram de forma expressiva em Washington, Boston e Atlanta, onde milhares de pessoas se reuniram em um parque para denunciar o autoritarismo.

“Nenhum país pode governar sem o consentimento do povo”, declarou Marc McCaughey, um veterano militar de 36 anos, em Atlanta. “Estamos aqui porque sentimos que a Constituição está sob ameaça de diversas maneiras diferentes. As coisas não estão normais. Não estão certas”, disse a agência de notícias France Press (AFP).

Na cidade de West Bloomfield, em Michigan, perto de Detroit, os manifestantes desafiaram temperaturas abaixo de zero para ir às ruas. Em Washington, os participantes

Ken Cedeno / AFP



Multidão atravessa ponte sobre o Rio Potomac rumo ao Lincoln Memorial, em Washington

atravessaram uma ponte sobre o Rio Potomac para seguir em direção ao Lincoln Memorial, cenário de manifestações históricas pelos direitos civis.

A primeira edição do No Kings reuniu milhões de pessoas em junho do ano passado, apenas cinco meses após a volta de Trump à Casa Branca, com atos de Nova York a São Francisco. Quatro meses depois, novas marchas mobilizaram sete milhões de participantes, segundo os organizadores, que apostavam, ontem, em um novo recorde.

Reprovação

As últimas pesquisas detectaram uma redução no índice de aprovação de Trump, que está em torno de 40%. As sondagens sinalizam que o magnata republicano corre o risco de perder o controle da Câmara e do Senado nas eleições de novembro.

Muitos apoiadores exaltam o presidente dentro do movimento Make America Great Again (MAGA), Torne os Estados Unidos grandes novamente, enquanto opositores, do outro lado

da profunda divisão na política norte-americana, rejeitam Trump com a mesma intensidade.

Os críticos de Trump questionam a propensão a governar por decreto, o uso do Departamento de Justiça para perseguir opositores, a negação das mudanças climáticas e a ofensiva contra programas de diversidade racial e de gênero.

Apontam ainda o recente gosto do presidente por exibir o poderio militar norte-americano após uma campanha em que ele se apresentou

» “Cuba é a próxima”

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, voltou, ontem, a fazer ameaças de ataques a Cuba. “É a próxima. Mas finjam que eu não disse isso”, ressaltou o magnata republicano, ao discursar durante o fórum de investimentos FII Priority, financiado pela Arábia Saudita. Trump também descartou que as recentes ações militares na Venezuela e no Irã tenham provocado uma redução do apoio dentro do seu movimento MAGA (Make America Great Again), que, segundo ele, sempre quis “força” e “vitória”.

como um homem de paz. “Desde a última vez que marchamos, essa administração nos arrastou ainda mais profundamente para a guerra”, afirmou Naveed Shah, da Common Defense, uma associação de veteranos que integra o movimento No Kings.

A onda de reprovação a Trump ultrapassou as fronteiras dos Estados Unidos, com mobilizações registradas, ontem, em cidades europeias como Amsterdã, Madri e Roma, onde 20 mil pessoas marcharam sob forte presença da polícia.